

PLACAR

**IMAGENS,
CAMPANHAS,
FICHAS E
ARTILHEIROS**

AS CONQUISTAS

Os Mundiais de 92/93, as Taças Libertadores de 92/93, os Brasileiros de 91/86/77, os Paulistas de 91/92, 80/81 e muito mais

Raí: ídolo da geração mais vitoriosa da história do clube

Tricolor *a máquina de ganhar títulos*

OS HERÓIS

Raí, Zetti, Careca, Müller, Serginho, Leônidas e outros

www.placar.com.br

NOVEMBRO DE 1999 R\$ 4,50





Todo garoto brasileiro

conhece de perto

a qualidade Brasilit.

Futebol na rua tem dessas coisas. De vez em quando a bola cai no telhado do vizinho. Quem vai buscar acaba descobrindo que além de econômicas, as telhas Brasilit são duráveis e resistentes.

Esse encontro entre duas preferências nacionais - futebol e Brasilit - tem acontecido há mais de 60 anos.

E no que depender da Brasilit e dos nossos futuros craques, vai continuar acontecendo por muito tempo.



Brasilit. Essa é de casa.

www.brasilit.com.br

Sumário

<i>Paulista 98</i>	4
<i>Mundial 92/93</i>	14
<i>Libertadores 92/93</i>	24
<i>Paulista 91/92</i>	32
<i>Brasileiro 86</i>	42
<i>Paulista 80/81</i>	50
<i>Brasileiro 77</i>	60
<i>Paulista 43</i>	70
<i>Outras conquistas</i>	72
<i>Túnel do tempo</i>	78



Zetti e Müller: a taça do bi mundial, uma das 15 conquistadas nos anos 90

NICO ESTEVES

EDITORA  **Abril**

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE: Celso Tomanik
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Matinas Suzuki Jr.
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Nicolino Spina

PLACAR

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Mauro Calliari

DIRETOR DE REDAÇÃO: Leão Serva

DIRETORA DE ARTE: Cristina Veit
REDATOR-CHEFE: Sérgio Xavier Filho
EDITOR DE FOTOGRAFIA: Ricardo Corrêa Ayres
SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA: Alexandre Battibugli
CHEFE DE ARTE: Fábio Bosquê Ruy
ATENDIMENTO AO LEITOR: Silvana Ribeiro
COLABORADORES: Luciano Leônidas Rodrigues (Diagramação), Mário Sérgio Venditi (Texto)

 **Abril**

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*,
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa,
Vice-Presidentes Executivos

VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Salve o tricolor

A anedota corria solta na primeira metade dos anos 90. São-paulino não podia ir a missa, pois na hora da consagração, ao ver o padre erguer a taça de vinho, não resistia e desembestava a cantar "Salve o tricolor paulista, amado clube brasileiro...". As torcidas rivais não achavam muita graça da piada, mas a torcida do São Paulo tinha bons motivos para tripudiar. Os anos 90 renderam 15 títulos importantes, inclusos aí dois Mundiais Interclubes e duas Libertadores. Mais do que isso, trouxeram a alegria suprema para quem gosta de futebol bem jogado. Comandados pela batuta de Telê Santana, Raí, Müller, Cafu,

Denilson, Zetti e muitos outros ensinaram como ganhar sem apelar para retrancas, chutões e outros recursos menos nobres. A explosão de títulos dos últimos anos — que fez a torcida são-paulina se multiplicar feito coelho — está bem contemplada nessa edição. Mas outros ícones, outras taças não foram esquecidas. Nas páginas que se seguem, gente como Careca, Serginho Chulapa, Waldir Peres e Leônidas da Silva são lembrados, assim como grandes conquistas como os Brasileiros de 1986 e 1977 e alguns títulos estaduais memoráveis. Afinal, não dá para recordar daquele paulista de 1981 sem um sorriso no canto da boca!



ALEXANDRE BATTIBUOLI



Vive la difference!

Ao voltar da França, Raí ainda teve tempo de jogar a final e ajudar o São Paulo a matar o Corinthians

O São Paulo fez uma campanha irretocável no Campeonato Paulista, mas tinha consciência de que na final precisaria de algo mais para superar o aguerrido Corinthians, de Wanderley Luxemburgo. Esse “algo mais” tinha nome, atendia pelo nome de Raí. De volta ao Brasil depois de cinco anos na França, ele foi recontratado pelo tricolor sem garantias de que jogaria a decisão. Até que o técnico Nelsinho fez o apelo: “Raí, mesmo desentrosado com o time, gostaria de contar com você o mais rápido possível”. O jogador topou no ato, pensando em sepultar o jejum de cinco anos sem um título estadual. Jejum que, coincidência ou não, começou em 1993, na temporada em que Raí deixou o Morumbi para jogar no Paris Saint-Germain.

Nelsinho tomou a atitude certa. Na semifinal, o São Paulo tinha feito dois jogos brilhantes contra o Palmeiras, vencendo o primeiro de virada por 2 x 1 e o segundo por 3 x 1. Mas, contra o Corinthians, os jogadores sentiam um respeito excessivo pelo adversário. Ainda sem Raí, o São Paulo perdeu a primeira partida (2 x 1), mas Nelsinho não se abalou. Coma frieza de um jogador de xadrez, preparou o espírito de sua equipe para receber o importante reforço de braços abertos na semana do duelo final.

Raí chegou, treinou, jogou e fez a diferença. Ao lado de França e Denilson, desmontou qualquer tentativa de marcação de Gamarra, Cris & cia. De quebra, coroou sua inesquecível atuação marcando o primeiro gol e dando o passe para França assinalar o segundo da vitória de 3 x 1. O São Paulo conquistava o seu 18º título paulista. Depois da festa, veio a dúvida: o clube teria sido campeão sem Raí? Difícil e inútil saber, pois para a feliz nação tricolor, o que importava era a volta do ídolo e, com ele, a rotina de erguer taças.

Carlos Miguel, Nelsinho, Cláudio e Raí: nunca um “penetra” foi tão bem recebido numa festa



FOTOS PISCO DEL GAISO



Rogério: dois gols marcados no Paulistão 98

A campanha

PRIMEIRO TURNO

Santos 2 x São Paulo 3
 São Paulo 5 x Rio Branco 0
 Matonense 2 x São Paulo 0
 São Paulo 0 x Portuguesa 0
 São José 1 x São Paulo 5

SEGUNDO TURNO

São Paulo 2 x Santos 1
 Rio Branco 1 x São Paulo 4
 São Paulo 3 x Matonense 1
 Portuguesa 1 x São Paulo 3
 São Paulo 6 x São José 1

SEMIFINAL

Palmeiras 1 x São Paulo 2
 São Paulo 3 x Palmeiras 1

FINAL

Corinthians 2 x São Paulo 1

O ÚLTIMO JOGO

São Paulo 3 x Corinthians 1

Data: 10/5/1998;
Local: Morumbi (São Paulo);
Juiz: Sidrack Marinho dos Santos (SE);
Renda e Público: não divulgados;
Gols: Raí 30 do 1º, Didi 5, França, 12 e 37 do 2º;
Cartão amarelo: Cris, Romeu, Bordon, Serginho e Fabiano.

SÃO PAULO: Rogério, Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos (Bordon) e Serginho; Alexandre, Fabiano, Carlos Miguel (Gallo) e Raí (Aristizábal); França e Denilson. **Técnico:** Nelsinho Baptista

CORINTHIANS: Nei, Rodrigo (Didi), Gamarra, Cris e Silvinho; Romeu (Edílson), Vampeta, Rincón e Souza (Marcelinho Paulista); Marcelinho Carioca e Mirandinha. **Técnico:** Wanderley Luxemburgo

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
14	11	1	2	40	15

TIME-BASE

Rogério, Zé Carlos, Capitão, Márcio Santos e Serginho; Alexandre, Fabiano (Gallo), Carlos Miguel e Denilson; Dodô e França.

TÉCNICO: Nelsinho Baptista

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

França	12
Denilson e Fabiano	6
Dodô	3
Aristizábal, Carlos Miguel e Rogério	2
Edmílson, Marcelinho, Raí, Adriano, Marcelo Sergipano, Serginho e Rogério (Pameiras, contra)	1

França marca na final aossado por Vampeta e Silvinho

O HERÓI

Sem medo de cara feia

Quanto mais Denilson apanhava, mais ele humilhava os adversários e ajudava a equipe a vencer

Os mais precipitados chegaram a apontá-lo como o Garrincha da ponta-esquerda. Já os são-paulinos de gerações anteriores logo enxergaram nele a ressurreição de Canhoteiro, antigo camisa 11 tricolor. Nem uma coisa nem outra. A habilidade, o drible fácil, a ousadia em enfileirar marcadores foram fundamentais para a conquista do Campeonato Paulista de 1998. Denilson foi simplesmente genial o tempo todo, mas extrapolou na semifinal, quando o balé de suas pernas irritou os jogadores do Palmeiras, que prometiam quebrá-lo. Mesmo negociado ao Bétis, da Espanha, por US\$ 26 milhões, ele jamais fez corpo mole e nem se intimidou com as ameaças: "Meu estilo é esse e vou continuar assim", cutucou. Apesar das botinadas, Denilson seguiu desmoralizando seus marcadores. Contra o Corinthians, protagonizou mais um show na vitória de 3 x 1 na segunda partida. Na jogada do terceiro gol, deu um drible desconcertante em Cris e presenteou França. Na comemoração, a torcida aclamava Raí, mas sabia muito bem que, sem Denilson, aquela conquista não seria possível.



FICHA TÉCNICA

Nome Denilson de Oliveira
Nascimento Diadema (SP), 24/8/77
Período em que jogou 1994 a 1998
Títulos pelo São Paulo Campeão da Copa Conmebol (1994) e Campeão Paulista (1998)

188 jogos **27** gols



Denilson nos braços do povo:
despedida em grande estilo



PISCO DEL CAISO



Imagens

Em um time que tinha o carismático Raí e o endiabrado Denilson, brilhou também o tímido França. Foram dele dois dos três gols que quebraram o jejum de títulos dos tricolores



PISCO DEL GAISSO

São Paulo Campeão Paulista 98



1 Denilson pega a bola e já se prepara para encarar o pit bull corintiano Rodrigo, que se aproxima feroz



3 Não fosse um salto providencial de Denilson, o carrinho poderia ter provocado uma fratura



2 O corintiano até acerta a bola em seu carrinho desgovernado, mas Denilson salta em defesa da vida



4 São e salvo, o são-paulino escapa da fúria corintiana. O lateral Rodrigo recebe cartão amarelo pela jogada de alto risco

FOTOS RICARDO CORRÊA

Arigatô, Tricolor!

O time de Telê derrota Barcelona e Milan e enche os olhos japoneses

Fazia um frio de rachar em Tóquio. O tempo só esquentou quando Telê Santana percebeu que os jogadores do São Paulo, na ponta dos cascos para enfrentar o Barcelona pela final do Mundial Interclubes de 1992, começaram a ensaiar um “já ganhou” dias antes da partida. O treinador chamou o grupo para uma conversinha e cortou o mal pela raiz: “Essa é a primeira e talvez a última chance que vocês terão de conquistar esse título. Portanto, o momento é de concentração e não de brincadeiras”. Há quem acredite que o São Paulo começou a ganhar o título ali. O técnico Johan Cruyff também ajudou com sua soberba. “Ninguém do lado de lá merece marcação especial”, espetou o holandês.

Mas Cruyff engoliu em seco sua excessiva confiança. Em campo, o tricolor esbanjou o refinado toque de bola de Raí, Cafu, Müller, Cerezo e Palhinha deixou os espanhóis mais perdidos que touro na arena. É verdade que o time tomou um susto quando Stoichkov fez 1 x 0. Mas Raí se incumbiu de virar o resultado e levar sua equipe à conquista inédita.

O problema voltou a ocorrer quando, embora já reconhecido internacionalmente, a equipe desembarcou em Tóquio, um ano depois, outra vez na condição de azarão para enfrentar o Milan, a superpotência europeia. O tricolor não tinha mais Raí, mas ainda era comandado pelo mestre Telê, cuja presença no banco merecia o respeito dos adversários. De novo foi um jogo sofrido, nervoso. O São Paulo saiu na frente com Palhinha. Massaro empatou. Cerezo (quase aos 38 anos) colocou o Tricolor novamente em vantagem, mas Papin igualou. Só a quatro minutos do final, Müller garantiu a vitória. O São Paulo repetia a façanha do Santos de Pelé. E pelo segundo ano seguido, os europeus se renderam às evidências de que o brasileiro São Paulo era, sim, o melhor do time do mundo.



O São Paulo derrota o Milan e a soberba europeia no bi mundial



NICO ESTEVES



O holandês Koeman,
do Barcelona, sofre
para conter Raí

RICARDO CORRÊA



Juninho, perseguido por Maldini, entra no segundo tempo e inferniza os milaneses

NICO ESTEVES



São Paulo recebe os bicampeões do mundo

NELSON COELHO

A campanha

O JOGO DO TÍTULO (1992)

São Paulo 2 x Barcelona 1

Data: 13/12/1992;

Local: Estádio Nacional (Tóquio);

Juiz: Juan Carlos Loustau (Argentina);

Público: 60 000;

Gols: Stoichkov 12 e Raí 27 do 1º; Raí 34 do 2º;

Cartão amarelo: Ronaldo, Toninho Cerezo, Beguiristain e Goicoechea

SÃO PAULO: Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho) e Raí; Cafu, Müller e Palhinha.

Técnico: Telê Santana

BARCELONA: Zubizarreta, Koeman, Ferrer e Eusébio; Amor, Bakero (Goicoechea), Guardiola e Witschge; Michael Laudrup, Stoichkov e Beguiristain (Nadal).

Técnico: Johan Cruyff

O JOGO DO TÍTULO (1993)

São Paulo 3 x Milan 2

Data: 12/12/1993;

Local: Estádio Nacional (Tóquio);

Juiz: Joel Quiniou (Fança);

Público: 52 275;

Gols: Palhinha 19 do 1º; Massaro 3; Toninho Cerezo, 14, Papin, 36 e Müller, 41 do 2º;

Cartão amarelo: Toninho Cerezo, Papin e Ronaldo

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Válber, Ronaldo e André; Dinho, Doriva, Toninho Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (Juninho).

Técnico: Telê Santana

MILAN: Rossi, Panucci, Costacurta, Baresi e Maldini; Albertini (Orlando), Donadoni e Desailly; Massaro, Papin e Raducioiu (Tassoti).

Técnico: Fabio Capello

O HERÓI

O Samurai

do Morumbi

Final de campeonato e Müller em campo? Não dá outra: mais um título para o São Paulo

/// Questo gol é per te, buffone”, disparou Müller para o zagueiro Costacurta ao marcar, meio sem querer, o gol da vitória de 3 x 2 que garantiu o título sobre o Milan. O atacante estava vingado. Depois de agüentar calado o jogo inteiro as provocações de Costacurta, fez uso de seu italiano fluente, aprendido nos tempos em que jogou no Torino, para dedicar o gol ao “palhaço”. Mas a resposta de Müller foi apenas um de seus golpes de mestre. Novamente, Müller provou ser um jogador cerebral quando o assunto é decisão com a camisa do São Paulo. Afinal, diante dos italianos, apenas repetiu o que havia feito no ano anterior, quando o tricolor faturou o seu primeiro Mundial Interclubes ao derrotar o Barcelona por 2 x 1. O técnico do Barça, Cruyff determinara que Ferrer grudasse no são-paulino. Ele bem que tentou mas Müller, na primeira oportunidade que teve, aplicou nele um humilhante drible de corpo antes de fazer um cruzamento para Raí abrir caminho da virada.



FICHA TÉCNICA

Nome Luís Antônio Correia Costa

Nascimento Campo Grande (MS), 31/1/66

Período em que jogou 1984 a 1988, 1991 a 1994 e 1996

Títulos pelo São Paulo Campeão paulista (1985, 1987, 1991 e 1992), campeão brasileiro (1986 e 1991), campeão da libertadores (1992 e 1993), campeão mundial (1992 e 1993), campeão da Recopa Sul-americana (1993 e 1994) e campeão da Supercopa (1993)

379 jogos **158** gols





Müller marca o gol do título e se vinga das provocações de Costacurta

NICOLASTEVES



Imagens

Raí, ajudado por Dinho, Müller e Adílson, levanta a chave do carro ganho por ter sido eleito o melhor da final contra o Barcelona na conquista do primeiro mundial tricolor



RICARDO CORRÊA



Vítor, Raí e Cerezo:
aberto o caminho do
primeiro título



O São Paulo comemora
enquanto o goleiro Rossi
descarrega a fúria contra a bola

NICO ESTEVES



Cerezo e o reserva Catê:
vovô bicampeão

FOTOS RICARDO CORRÊA

A máquina faz história

O imbatível São Paulo mostra quem é o dono da América

O São Paulo precisou levar um susto para entender a importância da Libertadores da América. Antes da estreia contra o Criciúma, em 1992, o técnico Telê Santana espinafrou o torneio porque não se fazia exame antidoping depois das partidas. De quebra, escalou um time desfigurado que tinha no ataque Catê, Eraldo, Gilmar e Cláudio. Dá para acreditar? Resultado: Criciúma 3 x 0. Refeito do baque, o São Paulo passou a encarar o campeonato com seriedade. Azar dos adversários, que tiveram de enfrentar uma equipe demolidora com Cafu, Raí e a revelação Palhinha. Depois de despachar San José, Bolívar, Nacional, o próprio Criciúma, e Barcelona, a máquina tricolor partiu para a decisão com o Newell's Old Boys. As duas partidas foram definidas por dois pênaltis para lá de dúbios. Na Argentina, vitória do Newell's por 1 x 0. No Morumbi, Raí deu o troco. O destino do São Paulo na Libertadores parecia fadado aos pênaltis: em 1974, uma cobrança desperdiçada por Zé Carlos Serrão aniquilou as chances do clube diante do Independiente. Mas agora era diferente. Quando Zetti saltou no canto esquerdo para defender o chute de Gamboa, aquele tricolor começava a entrar para a história.

O segundo capítulo dessa história foi escrito em 1993. O time de Telê entrou nas oitavas de final e, de cara, tomou uma raquetada do mesmo Newell's do ano anterior: 2 x 0 na Argentina. No entanto, o São Paulo era um time ainda mais experiente e, em casa, colocou as coisas em seus devidos lugares: 4 x 0. Com o moral lá em cima, os donos da América eliminaram Flamengo e Cerro Porteño. Na decisão com o Universidad Católica, um passeio: 5 x 1, a maior goleada de uma final de Libertadores. Em Santiago, o Universidad jogou no tudo ou nada e conseguiu arrancar uma vitória de 2 x 0. O resultado não teve a menor importância: a taça era do São Paulo.



Zetti levanta o caneco: bicampeão mesmo com derrota no Chile



NELSON COELHO

A campanha

Antônio Carlos e Raí: a primeira Libertadores, a gente nunca esquece



DANIEL AUGUSTO JUNIOR

1992

PRIMEIRA FASE

Criciúma 3 x São Paulo 0
San José-BOL 0 x São Paulo 3
Bolivar-BOL 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x San José-BOL 1
São Paulo 2 x Bolivar-BOL 0
São Paulo 4 x Criciúma 0

OITAVAS-DE-FINAL

Nacional-URU 0 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Nacional-URU 0

QUARTAS-DE-FINAL

São Paulo 1 x Criciúma 0
Criciúma 1 x São Paulo 1

SEMIFINAIS

São Paulo 3 x Barcelona-EQU 0
Barcelona-EQU 2 x São Paulo 0

FINAL

Newell's Old Boys-ARG 1 x São Paulo 0

O ÚLTIMO JOGO

São Paulo 1 (3) x Newell's Old Boys-ARG 0 (2)

Data: 17/6/1992;

Local: Morumbi (São Paulo);

Juiz: José Torres Cadena (Colômbia);

Renda: Cr\$ 1 072 490;

Público: 105 185;

Gols: Raí (pênalti) 21 do 2º;

Nos pênaltis: São Paulo 3 (Raí, Ivan e Cafu), Newell's Old Boys 2 (Zamora e Llop);

Cartão amarelo: Antônio Carlos, Pintado, Elivélton, Zamora e Gamboa

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adílson, Pintado e Raí, Müller (Macedo), Palhinha e Elivélton. **TÉCNICO:** Telê Santana

NEWELL'S OLD BOYS: Scoponi, Saldaña, Gamboa, Pochettino e Berizzo; Llop, Berti, Martino (Domizzi) e Lunari; Zamora e Mendoza. **TÉCNICO:** Marcelo Bielsa

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
14	8	3	3	20	9

TIME-BASE

Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan (Nelsinho); Adílson (Suélio), Pintado e Raí; Müller (Macedo), Palhinha e Elivélton. **TÉCNICO:** Telê Santana

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Palhinha	7
Raí	3
Antônio Carlos, Macedo, Müller e Elivélton	2
Ronaldo e Rinaldo	1



Raí faz o seu ra decisão por pênaltis contra o Newell's

NELSON COELHO



Cafu contra o Newell's: derrota tricolor nas oitavas

RICARDO CORRÊA

1993**OITAVAS-DE-FINAL**

Newell's Old Boys-ARG 2 x São Paulo 0
São Paulo 4 x Newell's Old Boys-ARG 0

QUARTAS-DE-FINAL

Flamengo 1 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Flamengo 0

SEMIFINAIS

São Paulo 1 x Cerro Porteño-PAR 0
Cerro Porteño-PAR 0 x São Paulo 0

FINAL

São Paulo 5 x Universidad Católica-CHI 1

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
8	4	2	2	13	6

TIME-BASE

Zetti, Vitor, Gilmar, Ronaldo (Válber) e Ronaldo Luís (André); Pintado, Dinho, Cafu e Raí; Müller e Palhinha. **TÉCNICO:** Telê Santana

O ÚLTIMO JOGO

Universidad Católica-CHI 2 x São Paulo 0

Data: 26/5/1993;

Local: Estádio Nacional (Santiago, Chile);

Juiz: Juan Francisco Escobar (Paraguai);

Renda e público: não divulgados;

Gols: Lunari 9 e Almada 15 do 1º

UNIVERSIDAD CATÓLICA: Wirth, Romero, Vasquez, Contreras (Cardozo) e Tupper (Reynoso); Lepe, Parraguez e Perez; Lunari, Almada e Barrera. **TÉCNICO:** Ignacio Prieto
SÃO PAULO: Zetti, Vitor (Toninho Cerezo), Válber, Gilmar e Marcos Adriano; Pintado, Dinho, Cafu e Raí, Müller e Palhinha. **TÉCNICO:** Telê Santana

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Raí	4
Cafu e Müller	2
Dinho, Vitor, Gilmar, Palhinha e Lopes (Univ. Católica, contra)	1



NELSON COELHO

O HERÓI

A redenção de Zetti

Com defesas milagrosas, o goleiro dá a volta por cima e vira o grande personagem das duas Libertadores

O goleiro Zetti terminou a Libertadores de 1992 no paraíso, mas esteve a um passo do inferno. Na semifinal, o São Paulo venceu o Barcelona, do Equador, por 3 x 0 no Morumbi e só precisaria tocar a bola na segunda partida, em Guayaquil, para chegar à final. Numa atuação desastrosa, Zetti quase pôs tudo a perder. Tomou um frango, o tricolor perdeu por 2 x 0 e o goleiro passou a conviver com a desconfiança de parte da torcida. A redenção aconteceria na final. Contra o Newell's Old Boys ele fechou o gol e, na decisão por pênaltis, defendeu o chute do argentino Gamboa, que valeu a taça. No ano seguinte, sua estrela brilhou novamente. Apesar da goleada de 5 x 1 sobre o Universidad Católica, do Chile, Zetti foi dos melhores em campo com defesas milagrosas. Em 1996, depois de ganhar tantos títulos e com o sentimento de dever cumprido, ele deixou o clube como um goleiros mais vitoriosos na história do futebol brasileiro.

FICHA TÉCNICA

Nome Armelino Donizetti Quagliatto

Nascimento Porto Feliz (SP), 10/1/65

Período em que jogou 1990 a 1996

Títulos pelo São Paulo Campeão Paulista (1991 e 1992), Campeão Brasileiro (1991), Campeão Mundial (1992 e 1993), Campeão da Libertadores (1992 e 1993), Campeão da Recopa Sul-americana (1993 e 1994), Campeão da Supercopa (1993)

428 jogos **509** gols



RICARDO CORRÊA

Zetti na decisão por pênaltis da Libertadores de 1992: de vilão a herói

Imagens

O capitão Raí encara a truculência argentina na decisão contra o Newell's e leva a melhor. Com habilidade e raça, o camisa 10 tricolor foi o líder do bi da Libertadores



Até o lateral Vítor deixou o seu na goleada contra os chilenos em 1993



Zetti pega o último pênalti e inicia a festa tricolor na decisão de 1992



DANIEL AUGUSTO JUNIOR



RICARDO CORRÊA

Cansado de ganhar

Depois de quase cair para a segunda divisão, o São Paulo de Telê Santana volta a ser o vencedor de sempre

O São Paulo iniciou o Paulista de 1991 tentando apagar a péssima imagem deixada pela legião uruguaia que assolou o Morumbi, no ano anterior, representada pelo técnico Forlan e pelos jogadores Diego Aguirre e Carrasco. A campanha foi tão ruim que o tricolor só não disputou a segunda divisão em 1991 porque uma manobra de bastidores permitiu que integrasse o grupo dos clubes menos expressivos. Foi uma barbada.

Sob o comando de Telê Santana, o São Paulo fez 26 partidas teoricamente mais fáceis, classificou-se em primeiro lugar e, como previa o regulamento, adquiriu o direito de participar da segunda fase. Num grupo que tinha ainda Palmeiras, Botafogo e Guarani, chegou na frente e garantiu sua presença na final contra o Corinthians que, um ano antes, tinha lhe tomado o Brasileiro. Raí fez todos os gols do massacre de 3 x 0 já na primeira final. Na segunda, a missão corintiana era impossível: vencer nos 90 minutos e na prorrogação. Não fez uma coisa nem outra e o 0 x 0 premiou o melhor time da competição.

Em 1992, o São Paulo estava em estado de graça. Depois de sagrar-se campeão da Libertadores no primeiro semestre, disputou o Paulista com um olho no bi e outro no jogo do Mundial Interclubes, contra o Barcelona. O time encarou o Paulista como preparação para Tóquio. E, mais uma vez, provou que não tinha para ninguém. Fez a melhor campanha e pegou na decisão o Palmeiras disposto a quebrar um tabu de 15 anos. A primeira partida iniciou uma maratona de duas semanas para o São Paulo, que goleou o Verdão por 4 x 2 e, na mesma noite, embarcou para o Japão, onde ganhou do Barcelona. Os palmeirenses esperavam que o São Paulo sentisse o cansaço na segunda partida. Nada disso. O tricolor deu outro show ao vencer por 2 x 1. O São Paulo estava cansado mesmo era de erguer tantas taças.



Pintado, Raí, Müller e Cafu em 1992: Tóquio era prioridade, mas um Paulista em cima do Palmeiras foi bom demais

São Paulo Bicampeão Paulista 91/92

Cafu marca quase sem ângulo na final de 1992 contra o Palmeiras



NÉLSON COELHO

O zagueiro Toninho tenta segurar Raí



SILVIO PORTO



Na final de 1991, Ronaldo faz o pênalti em Macedo: tricolor 3 x 0

DANIEL AUGUSTO JUNIOR

A campanha

1991

PRIMEIRA FASE

Primeiro Turno

Olímpia 1 x São Paulo 1
 Juventus 0 x São Paulo 4
 Santo André 3 x São Paulo 3
 São Paulo 1 x Rio Branco 0
 São Paulo 5 x Marília 2
 São Carlense 0 x São Paulo 0
 São José 2 x São Paulo 3
 São Paulo 3 x Noroeste 1
 São Paulo 1 x União São João 0
 Ponte Preta 0 x São Paulo 0
 São Paulo 2 x São Bento 1
 São Paulo 1 x Catanduvense 0
 Internacional 0 x São Paulo 1

Segundo Turno

São Paulo 0 x Santo André 0
 Catanduvense 0 x São Paulo 5
 São Paulo 2 x Juventus 0
 Rio Branco 0 x São Paulo 1
 São Paulo 2 x São Carlense 1
 Marília 2 x São Paulo 2
 São Paulo 1 x Internacional 4
 São Paulo 5 x São José 0
 Noroeste 1 x São Paulo 1
 São Bento 0 x São Paulo 0
 São Paulo 3 x Ponte Preta 1
 São Paulo 1 x Olímpia 0
 União São João 1 x São Paulo 2

SEMIFINAIS

Primeiro Turno

Palmeiras 2 x São Paulo 4
 São Paulo 2 x Botafogo 1
 Guarani 2 x São Paulo 2

Segundo Turno

Botafogo 1 x São Paulo 1
 São Paulo 4 x Guarani 1
 São Paulo 0 x Palmeiras 0

FINAL

Corinthians 0 x São Paulo 3

O ÚLTIMO JOGO

São Paulo 0 x Corinthians 0

Data: 15/12/1991;
 Local: Morumbi (São Paulo);
 Juiz: Ilton José da Costa;
 Renda: Cr\$ 371 363 000;
 Público: 106 142;
 Cartão amarelo: Marcelo, Raí e Suélio

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Sidnei, Suélio e Raí; Müller, Macedo e Elivélton.

TÉCNICO: Telê Santana
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Jairo, Ezequiel (Carlinhos) e Wilson Mano; Marcelinho Paulista, Tupãzinho e Paulo Sérgio. **TÉCNICO:** Cilinho

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
34	21	12	1	66	27

TIME-BASE

Zetti, Cafu, Antônio Carlos (Adílson), Ronaldo e Nelsinho (Vítor); Sidnei, Suélio e Raí; Müller, Macedo e Elivélton.
TÉCNICO: Telê Santana

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Raí	20
Müller	9
Macedo	8
Baiano	5
Elivélton e Antônio Carlos	4
Ronaldo e Cafu	3
Eraldo	2
Vítor, Ronaldo, Anílton, Suélio, Pavão, Barros (São José, contra), Bira (São José, contra) e Tosin (Marília, contra)	1

1992

PRIMEIRA FASE

Primeiro Turno

Juventus 1 x São Paulo 1
 São Paulo 3 x Ituano 3
 Noroeste 0 x São Paulo 1
 Botafogo 1 x São Paulo 1
 São Paulo 1 x Bragantino 1
 Internacional 0 x São Paulo 1
 São Paulo 1 x Palmeiras 0
 Guarani 0 x São Paulo 0
 São Paulo 2 x Portuguesa 1
 Santos 3 x São Paulo 2
 São Paulo 5 x Santo André 2
 São Paulo 1 x São Carlense 0
 Corinthians 0 x São Paulo 1

Segundo Turno

São Paulo 0 x Santos 0
 São Paulo 1 x Botafogo 0
 Santo André 1 x São Paulo 1
 São Paulo 3 x Internacional 0
 São Paulo 3 x Corinthians 0
 São Carlense 0 x São Paulo 2
 Portuguesa 2 x São Paulo 2
 São Paulo 6 x Noroeste 0
 Bragantino 1 x São Paulo 0
 São Paulo 2 x Juventus 0
 São Paulo 2 x Guarani 1
 Ituano 2 x São Paulo 1
 Palmeiras 3 x São Paulo 0

SEMIFINAIS

Primeiro Turno

Portuguesa 0 x São Paulo 2
 Santos 0 x São Paulo 3
 São Paulo 4 x Ponte Preta 2

Segundo Turno

São Paulo 2 x Santos 1
 Ponte Preta 0 x São Paulo 0
 São Paulo 3 x Portuguesa 1

FINAL

Palmeiras 2 x São Paulo 4

O ÚLTIMO JOGO

São Paulo 2 x Palmeiras 1

Data: 20/12/1992;
 Local: Morumbi (São Paulo);
 Juiz: José Aparecido de Oliveira;
 Renda: Cr\$ 5 228 880 000;
 Público: 110 887;
 Gols: Müller 24 do 1º; Toninho Cerezo 14 e Zinho 45 do 2º
 Cartão amarelo: Müller, Evair, Cuca e Dida

SÃO PAULO: Zetti, Vítor (Válber), Adílson, Ronaldo e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Raí e Cafu; Palhinha e Müller. **TÉCNICO:** Telê Santana

PALMEIRAS: César, Mazinho, Toninho, Edinho Baiano e Dida; César Sampaio, Daniel (Maurílio), Cuca (Carlinhos) e Jean Carlo; Evair e Zinho. **TÉCNICO:** Otacílio Gonçalves

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
34	21	9	4	63	29

TIME-BASE

Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldo (Válber) e Ronaldo Luís (Ivan); Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Raí e Cafu; Palhinha e Müller.
TÉCNICO: Telê Santana

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Raí	16
Müller	12
Palhinha	8
Ivan	5
Cafu	4
Dinho, Toninho Cerezo e Cuca	3
Maurício, Catê e Válber	2
Ronaldo, Vítor e Elivélton	1



Quem está no chão não são dois manés. Nem os grandes César Sampaio e Mazinho conseguiram anular Raí

RICARDO CORRÊA

Brilho com Luz própria

O HERÓI

O meia Raí sai da sombra do irmão famoso Sócrates e vira o grande líder do time

Quando chegou ao São Paulo, em 1987, Raí tinha a árdua tarefa de romper o estigma de ser apenas o irmão de Sócrates, ídolo do Corinthians. Não foi fácil. Sua briga para fugir da sombra do mano famoso era permanente. Bastava jogar mal e vinham as inevitáveis comparações. Levou tempo, mas Raí mostrou personalidade suficiente para esculpir a imagem de vencedor e craque. Seu primeiro título foi o de campeão paulista de 1989, mas o salto aconteceu em 1990, com a chegada de Telê Santana no Morumbi. Telê transformou-o no ponto de referência de um time imbatível até virar o melhor jogador do Brasil. Em 1991, Raí começou a viver o auge. Teve um desempenho acima do normal no Paulista ao marcar 20 gols e ganhar o olimpo na primeira partida da final contra o Corinthians, quando carimbou três vezes o goleiro Ronaldo na vitória de 3 x 0. Depois de aniquilar o rival, ele faria o mesmo no ano seguinte com o Palmeiras. Também no primeiro jogo da decisão, ao assinalar de novo três gols. O São Paulo era bi e o meia estava consagrado. Tanto que é um dos maiores ídolos do clube. A propósito: quem é mesmo o irmão de Raí?

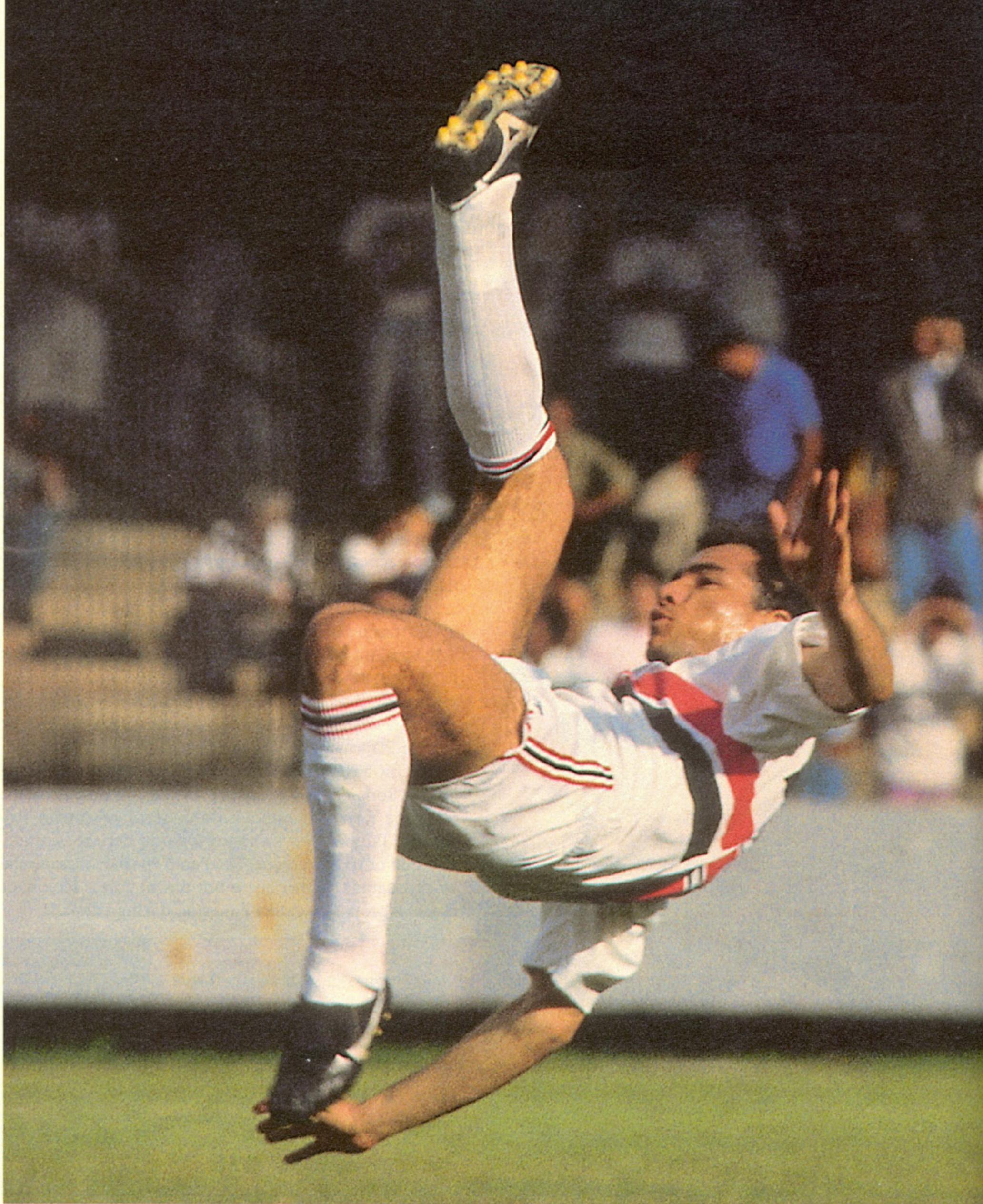
FICHA TÉCNICA

Nome Raí Souza Vieira de Oliveira
Nascimento Ribeirão Preto (SP), 15/5/1965
Período em que jogou 1987 a 1993 e desde 1998
Títulos pelo São Paulo Campeão paulista (1987, 1989, 1991/92 e 1998), campeão brasileiro (1991), campeão da Taça Libertadores (1992 e 1993) e campeão mundial (1992)

326 jogos **116** gols*

*ATÉ 13/10/99





NÉLSON COELHO

Imagens

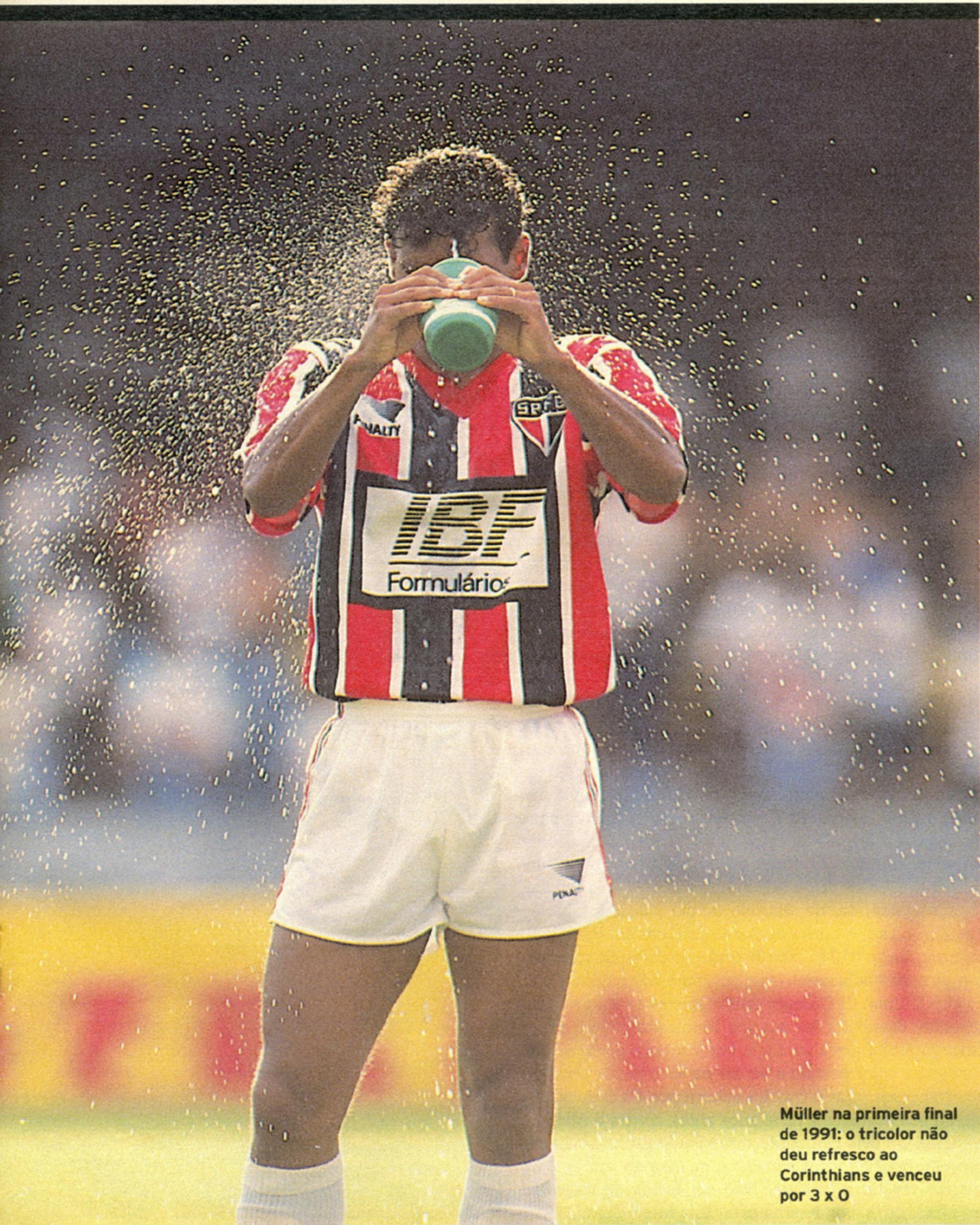
Nem só de pianistas vive um time. Na categoria de carregador de piano, o volante Dinho se destacava e até arriscava jogadas acrobáticas como esta bicicleta contra o Corinthians



Em 1991, o volante palmeirense César Sampaio entra forte em Raí. Não adiantou nada. O São Paulo pulverizou o tradicional rival nas semifinais



DANIEL AUGUSTO JUNIOR



Müller na primeira final de 1991: o tricolor não deu refresco ao Corinthians e venceu por 3 x 0

SILVIO PORTO

EMOÇÃO

à flor da pele

Quando tudo parecia perdido, o São Paulo busca forças para ganhar um campeonato impossível

Muitos consideram a Final de 1986 como a mais eletrizante da história do Campeonato Brasileiro. A decisão São Paulo x Guarani foi, seguramente, um daqueles jogos para figurar na galeria dos duelos memoráveis do futebol. Se a primeira partida, no Morumbi, não passou de um morno 1 x 1, que serviu apenas para atizar a briga pela artilharia entre Careca e Evair, ambos com 24 gols, a segunda deixou a torcida com a respiração suspensa. Logo aos 2 minutos, o Guarani fez 1 x 0 com um gol contra de Nelsinho. Mal deu tempo de o Bugre comemorar, porque aos 9 minutos Bernardo empatou.

E foi na prorrogação que cada lance colocou à prova o coração dos 40 mil torcedores presentes em Campinas. Ao contrário da maioria das prorrogações, quando os times evitam se arriscar, nesta, São Paulo e Guarani partiram para a briga. Pita colocou o tricolor na frente no primeiro minuto. O troco veio com Marco Antônio Boiadeiro, que empatou seis minutos depois. Se a torcida já estava exaurida, no segundo tempo a dose foi dupla. Aos 2 minutos, o ponta-esquerda do Guarani, João Paulo, tirou fôlego não se sabe de onde, disparou do meio de campo com a bola dominada, invadiu a área e deslocou o goleiro Gilmar. O Guarani estava prestes a faturar o seu segundo Brasileiro. Até que aos 14 minutos aconteceu o lance capital: Careca fez 3 x 3. Por ironia do destino, Careca quase colocou tudo a perder na decisão por pênaltis ao errar o seu. Mas o tricolor venceu por 4 x 3. A exemplo do que acontecera nove anos antes, contra o Atlético Mineiro, em Belo Horizonte, o São Paulo ganhou o Campeonato Brasileiro nos pênaltis e na casa do inimigo. O tricolor repetiu a história. Não em forma de tragédia, mas sim com sabor de uma conquista inesquecível.



A explosão de Careca a um minuto do fim: Guarani 3 x São Paulo 3, a final mais eletrizante da história



SERGIO BEREZOVSKY



Pita entre três palmeirenses: 5 gols no campeonato

CARLOS FENERICH



Careca castiga o Botafogo-RJ: São Paulo 5 x 0

FOTOS SERGIO BEREZOVSKY



Na incrível final contra o Guarani, Müller acerta a trave do Bugre

A campanha



Bernardo na semifinal contra o América-RJ



PRIMEIRA FASE

Coritiba 0 x São Paulo 1
 Sobradinho 1 x São Paulo 1
 São Paulo 1 x Bangu 1
 São Paulo 4 x Ceará 0
 São Paulo 0 x Inter-RS 0
 São Paulo 4 x Sampaio Correa 0
 Fluminense 2 x São Paulo 3
 Operário-MS 1 x São Paulo 2
 Remo 0 x São Paulo 2
 São Paulo 3 x Sport 2

SEGUNDA FASE

Ponte Preta 0 x São Paulo 2
 São Paulo 2 x Santos 0
 São Paulo 2 x Bangu 0
 São Paulo 1 x América-RJ 1
 São Paulo 0 x Palmeiras 0
 Joinville 0 x São Paulo 0
 Treze 1 x São Paulo 0
 São Paulo 5 x Botafogo-RJ 0
 Santos 0 x São Paulo 0
 América-RJ 0 x São Paulo 0
 São Paulo 4 x Treze 1
 Botafogo-RJ 0 x São Paulo 0
 São Paulo 6 x Ponte Preta 1
 Palmeiras 2 x São Paulo 2
 São Paulo 5 x Joinville 0
 Bangu 1 x São Paulo 0

OITAVAS-DE-FINAL

Internacional-SP 2 x São Paulo 1
 São Paulo 3 x Internacional-SP 0

QUARTAS-DE-FINAL

Fluminense 1 x São Paulo 0
 São Paulo 2 x Fluminense 0

SEMIFINAIS

São Paulo 1 x América-RJ 0
 América-RJ 1 x São Paulo 1

FINAL

São Paulo 1 x Guarani 1

O ÚLTIMO JOGO

Guarani 3 x São Paulo 3

Data: 25/2/1987;

Local: Estádio Brinco de Ouro (Campinas);

Juiz: José de Assis Aragão (São Paulo);

Renda: Cz\$ 4 222 000;

Público: 37 370;

Gols: Nelsinho (contra) 2 e Bernardo 9 do 1º; Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1º da prorrogação; João Paulo 2 e Careca 14 do 2º da prorrogação; **Nos pênaltis:** Guarani 3 (Tosin, Valdir Carioca e Evair) x São Paulo 4 (Darío Pereyra, Rômulo, Fonseca e Wágner Basílio).

Cartão amarelo: Ricardo Rocha;

Expulsão: Vágner

GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Vládir Carioca, Ricardo Rocha e Zé Mário; Tosin, Tite (Vágner) e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. **TÉCNICO:** Carlos Gainete
SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wágner Basílio, Dário Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidney (Rômulo). **TÉCNICO:** Pepe

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
34	17	13	4	62	22

TIME-BASE

Gilmar, Zé Teodoro (Fonseca), Wágner Basílio (Oscar), Dário Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas e Pita; Müller, Careca e Sidney. **TÉCNICO:** Pepe

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Careca	25
Müller	11
Silas	9
Pita	5
Zé Teodoro e Bernardo	3
Sidney	2
Dário Pereyra, Nelsinho, Pianelli e Oscar	1



SERGIO BEREZOVSKY

O HERÓI

Valeu, Careca!

O artilheiro faz o gol em cima da hora e vai embora para o Napoli com a eterna gratidão dos são-paulinos

O campeonato já estava quase decidido. Quase. Falta-va apenas um minuto para terminar a prorrogação e o Guarani vencia o São Paulo por 3 x 2. Naquele momento, uma reação do tricolor parecia impossível. Numa atitude desesperada, o zagueiro Wagner Basílio deu um chutão para frente como quisesse se livrar de uma batata quente. A bola cruzou o campo do Guarani e caiu no jeito para Careca enfiar o pé esquerdo com vontade e empatar a partida contra seu ex-time. O gol salvador, além de ressuscitar o São Paulo na final, coroou uma trajetória brilhante de Careca no Morumbi. Ele foi o artilheiro do Campeonato Brasileiro de 1986 com 25 gols e o principal destaque da equipe.

Antes de desandar a fazer gols pelo São Paulo, porém, Careca passou por maus bocados. Demorou para se firmar no time por causa de um misterioso problema físico. Em 1984, cometeu a façanha de perder dois pênaltis contra o Grêmio. Mas o futebol de Careca explodiu como nos bons tempos de Guarani. Em 1985, foi o artilheiro do Paulista com 23 gols. Depois da final de 1986, ele se transferiu para o Napoli com as honras de um rei para formar dupla com o não menos nobre Maradona.

FICHA TÉCNICA

Nome Antônio de Oliveira Filho

Nascimento Araraquara (SP), 5/10/1960

Período em que jogou 1983 a 1987

Títulos pelo São Paulo Campeão paulista (1985 e 1987), campeão brasileiro (1986)

188 jogos **112** gols

O atacante em ação: depois de um período difícil na chegada ao São Paulo, a sorte voltou a sorrir



NELSON COELHO

São Paulo 🏆 *Campeão Brasileiro 86*



SERGIO BE RE ZOVSKY

Imagem

Gilmar salta e acompanha a saída da bola na decisão por pênaltis contra o Guarani: mesmo tomando três gols no tempo normal, o goleiro foi um dos heróis da final



Força na reta de chegada

O tricolor se faz de morto no começo para atropelar depois e faturar o bi

A pesar das contratações de peso, como Renato, Oscar e Paulo César, nada indicava que o São Paulo seria um time de chegada no Paulista de 1980. Ao ocupar um modesto sétimo lugar no primeiro turno, o clube nem sequer se classificou para as semifinais desta fase. A campanha foi um fiasco: em 19 partidas, venceu apenas sete, empatou seis e amargou seis derrotas. No segundo turno, o time terminou na liderança. Nas semifinais, o clube teve dois sustos. O primeiro aconteceu dentro de campo, com a derrota para a Internacional de Limeira por 2 x 1 no Morumbi. O time precisaria vencer a segunda partida para forçar a prorrogação. Foi o que aconteceu. O tricolor fez 2 x 1 e, no tempo extra, também ganhou por 1 x 0. O segundo susto envolveu o ponta-esquerda Zé Sérgio, cujo exame antidoping acusou uma substância proibida. Suspenso, Zé Sérgio não enfrentou a Ponte Preta e o São Paulo viveu novo sufoco: venceu a primeira por 2 x 1 e perdeu a segunda por 1 x 0. Na prorrogação, o 0 x 0 garantiu a equipe na decisão contra o Santos. Com a liberação de Zé Sérgio, o São Paulo entrou embalado e venceu os dois jogos por 1 x 0, gols marcados por Serginho.

No Campeonato Paulista de 1981, o time manteve a mesma base, mas se reforçou no lado esquerdo, com Marinho Chagas e Mário Sérgio. No comando, Carlos Alberto Silva foi substituído por Formiga. A trajetória do São Paulo foi semelhante à do ano anterior. Depois do vexame no primeiro turno (11º lugar, com sete derrotas), ganhou o segundo e novamente marcou presença na final, desta vez contra a Ponte Preta. O time de Campinas arrancou um empate de 1 x 1 na primeira partida, mas não evitou a derrota na segunda: 2 x 0 com um gol de placa de Serginho, que deu um chapéu em Carlos antes de jogar a pá de cal na Ponte Preta.





Renato, abraçado por Heriberto, comemora seu gol na final contra a Ponte em 1981.

J.B. SCALCO

A campanha

1980

PRIMEIRO TURNO

- América 1 x São Paulo 1
- São Paulo 2 x Ferroviária 0
- Portuguesa 1 x São Paulo 1
- Noroeste 1 x São Paulo 3
- XV de Jaú 0 x São Paulo 0
- São Paulo 2 x Marília 0
- São Paulo 1 x São Bento 2
- São Paulo 1 x XV de Piracicaba 0
- Taubaté 1 x São Paulo 0
- Botafogo 2 x São Paulo 1
- Juventus 2 x São Paulo 0
- São Paulo 1 x Francana 1
- São Paulo 0 x Comercial 1
- São Paulo 1 x Palmeiras 0
- Internacional 1 x São Paulo 2
- Corinthians 0 x São Paulo 1
- São Paulo 0 x Ponte Preta 1
- São Paulo 2 x Santos 2
- Guarani 2 x São Paulo 2

SEGUNDO TURNO

- São Paulo 4 x Corinthians 0
- São Paulo 3 x XV de Jaú 1
- Comercial 0 x São Paulo 1
- São Paulo 2 x Taubaté 0
- São Paulo 1 x Noroeste 0
- São Paulo 1 x Noroeste 0
- São Paulo 1 x Portuguesa 0
- São Bento 1 x São Paulo 1
- São Paulo 2 x Botafogo 0
- Marília 0 x São Paulo 0
- Ferroviária 0 x São Paulo 1
- Francana 1 x São Paulo 1
- São Paulo 1 x Juventus 0
- XV de Piracicaba 1 x São Paulo 1
- São Paulo 1 x Guarani 3
- Palmeiras 0 x São Paulo 3
- Santos 1 x São Paulo 1
- Ponte Preta 0 x São Paulo 0
- São Paulo 1 x Internacional 1

SEMIFINAIS

- São Paulo 1 x Internacional 2
- São Paulo 2 x Internacional 2
(Na prorrogação São Paulo 1 x Internacional 0)
- São Paulo 2 x Ponte Preta 1
- São Paulo 0 x Ponte Preta 1
(Na prorrogação São Paulo 0 x Ponte Preta 0)



Mário Sérgio, com o santista Palhinha e Éverton (10): bom reforço para 1981

Serginho e sua turma: artilheiro em 1980, com 12 gols, e em 1981, com 20 gols



1981

FINAL

Santos 0 x São Paulo 1

O ÚLTIMO JOGO

São Paulo 1 x Santos 0

Data: 19/11/1980;

Local: Morumbi (São Paulo);

Juiz: Oscar Scolfaro;

Renda: Cr\$ 8 952 330;

Público: 61 130;

Gol: Serginho 40 do 1º

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar (Gassem), Darío Pereyra e Aírton; Almir, Heriberto e Renato (Alexandre Bueno); Paulo Sérgio, Serginho (Assis) e Zé Sérgio. **TÉCNICO:** Carlos Alberto Silva

SANTOS: Marola, Néelson, Joãozinho, Neto e Washington; Toninho Vieira, Rubens Feijão (Claudinho) e Pita; Nílton Batata, Campos e João Paulo. **TÉCNICO:** Pepe

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
44	22	13	9	55	33

TIME-BASE

Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Aírton; Almir, Heriberto (Aílton Lira) e Renato; Paulo Sérgio, Serginho (Assis) e Zé Sérgio. **TÉCNICO:** Carlos Alberto Silva

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Serginho	12
Getúlio	8
Zé Sérgio e Assis	7
Renato	5
Paulo César	4
Aílton Lira	3
Geraldo, Nei e Heriberto	2
Darío Pereyra, Tatu e Amado	1

PRIMEIRO TURNO

Botafogo 1 x São Paulo 0

São Paulo 0 x Portuguesa 0

Francana 0 x São Paulo 3

São Paulo 0 x Noroeste 0

Palmeiras 3 x São Paulo 0

São José 0 x São Paulo 0

Juventus 0 x São Paulo 0

São Paulo 1 x Ferroviária 2

São Paulo 3 x Santos 0

São Paulo 0 x Comercial 1

XV de Jaú 1 x São Paulo 1

Ponte Preta 2 x São Paulo 1

São Paulo 0 x América 1

Internacional 0 x São Paulo 3

Corinthians 1 x São Paulo 2

São Paulo 0 x Taubaté 1

São Paulo 1 x São Bento 0

Marília 1 x São Paulo 4

São Paulo 1 x Guarani 0

TORNEIO SELETIVO

Francana 1 x São Paulo 4

São Paulo 4 x Noroeste 1

Taubaté 1 x São Paulo 0

São Paulo 0 x Taubaté 1

Noroeste 1 x São Paulo 2

São Paulo 2 x Francana 0

FINAIS DO TORNEIO SELETIVO

São Paulo 1 x Palmeiras 0

Corinthians 1 x São Paulo 1

SEGUNDO TURNO

São Bento 1 x São Paulo 0

São Paulo 3 x São José 0

São Paulo 3 x Botafogo 0

Noroeste 0 x São Paulo 3

Ferroviária 1 x São Paulo 0

São Paulo 1 x Ponte Preta 2

Portuguesa 1 x São Paulo 1

Guarani 3 x São Paulo 2

São Paulo 3 x Francana 0

Taubaté 1 x São Paulo 2

São Paulo 2 x XV de Jaú 0

São Paulo 1 x Corinthians 1

Comercial 2 x São Paulo 1

São Paulo 2 x Juventus 1

São Paulo 6 x Palmeiras 2



Zé Sérgio: seu caso de doping quase abala a equipe

RONALDO KOTSCHHO

São Paulo 2 x Marília 1

América 0 x São Paulo 1

São Paulo 0 x Internacional 0

Santos 2 x São Paulo 3

OCTOGONAL DECISIVO DO SEGUNDO TURNO

São Paulo 2 x Corinthians 0

Guarani 1 x São Paulo 1

São Paulo 1 x XV de Jaú 0

São Paulo 1 x Guarani 1

XV de Jaú 0 x São Paulo 1

Corinthians 1 x São Paulo 0

FINAIS DO SEGUNDO TURNO

São José 1 x São Paulo 0

São Paulo 3 x São José 2

FINAL

São Paulo 1 x Ponte Preta 1

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
56	28	12	16	82	45

TIME-BASE

Waldir Peres, Getúlio, Oscar (Gassem), Darío Pereyra e Marinho Chagas (Nelsinho); Almir, Heriberto e Renato; Paulo Sérgio Serginho (Éverton) e Mário Sérgio. **TÉCNICO:** Formiga

O ÚLTIMO JOGO

São Paulo 2 x Ponte Preta 0

Data: 29/11/1981;

Local: Morumbi (São Paulo);

Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia;

Renda: Cr\$ 21 488 900;

Público: 63 841;

Gols: Renato 37 do 1º e Serginho 41 do 2º;

Cartão amarelo: Édson, Paulo César e Tatu

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Gassem (Nei), Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César (Tatu), Serginho e Mário Sérgio. **TÉCNICO:** Formiga

PONTE PRETA: Carlos, Toninho Oliveira, Juninho, Nenê e Odirlei; Zé Mário, Marco Aurélio e Dicá; Édson (Abel), Chicão (Humberto) e Osvaldo.

TÉCNICO: Jair Picerni

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Serginho	20
Renato	16
Éverton	12
Tatu	8
Getúlio	6
Paulo César	4
Waltinho e Mário Sérgio	3
Darío Pereyra, Édson, Élvio	2
Heriberto, Oscar, Marinho Chagas e Silva	1



Ele peitava marcadores, chutava adversários caídos e marcava muitos, muitos gols

O HERÓI

Adorável

bandido

Eterno criador de casos, Serginho, o maior artilheiro do clube, até hoje é amado pela torcida

Há muito a falar sobre o centroavante Serginho, mas antes de mais nada é bom que se diga o seguinte: trata-se do maior artilheiro da história do São Paulo, com 242 gols, dez a mais que Gino Orlando. Além de artilheiro nato, o gênio intempestivo era outro traço impagável de sua personalidade. Ele cabia como uma luva no estereótipo de jogador bandido e criador de casos. Serginho era amado pelos são-paulinos e odiado pelas demais torcidas. Em primeiro lugar porque ele peitava os marcadores, chutava adversários caídos, brigava até com velhos compadres de escola de samba e, se bobeasse, implicava com a própria sombra. Segundo, porque eles queriam ter um jogador com tanto faro de gol. Quando dominava a bola com seu pé esquerdo de costas para a defesa, vinha chumbo grosso. Ele girava o corpo afastando os zagueiros com a ajuda dos braços abertos e soltava a bomba. O bicampeonato de 1980/1981 foi o último momento de glória de Serginho com a camisa do São Paulo, antes de se transferir para o Santos, em 1983. Mas enquanto ninguém alcançar sua marca, o nome dele continuará gravado para sempre na história do clube.

FICHA TÉCNICA

Nome Sérgio Bernardino

Nascimento São Paulo (SP), 23/12/1953

Período em que jogou 1974 a 1982

Títulos pelo São Paulo Campeão paulista (1975, 1980 e 1981) e campeão brasileiro (1977)

393 jogos **242** gols

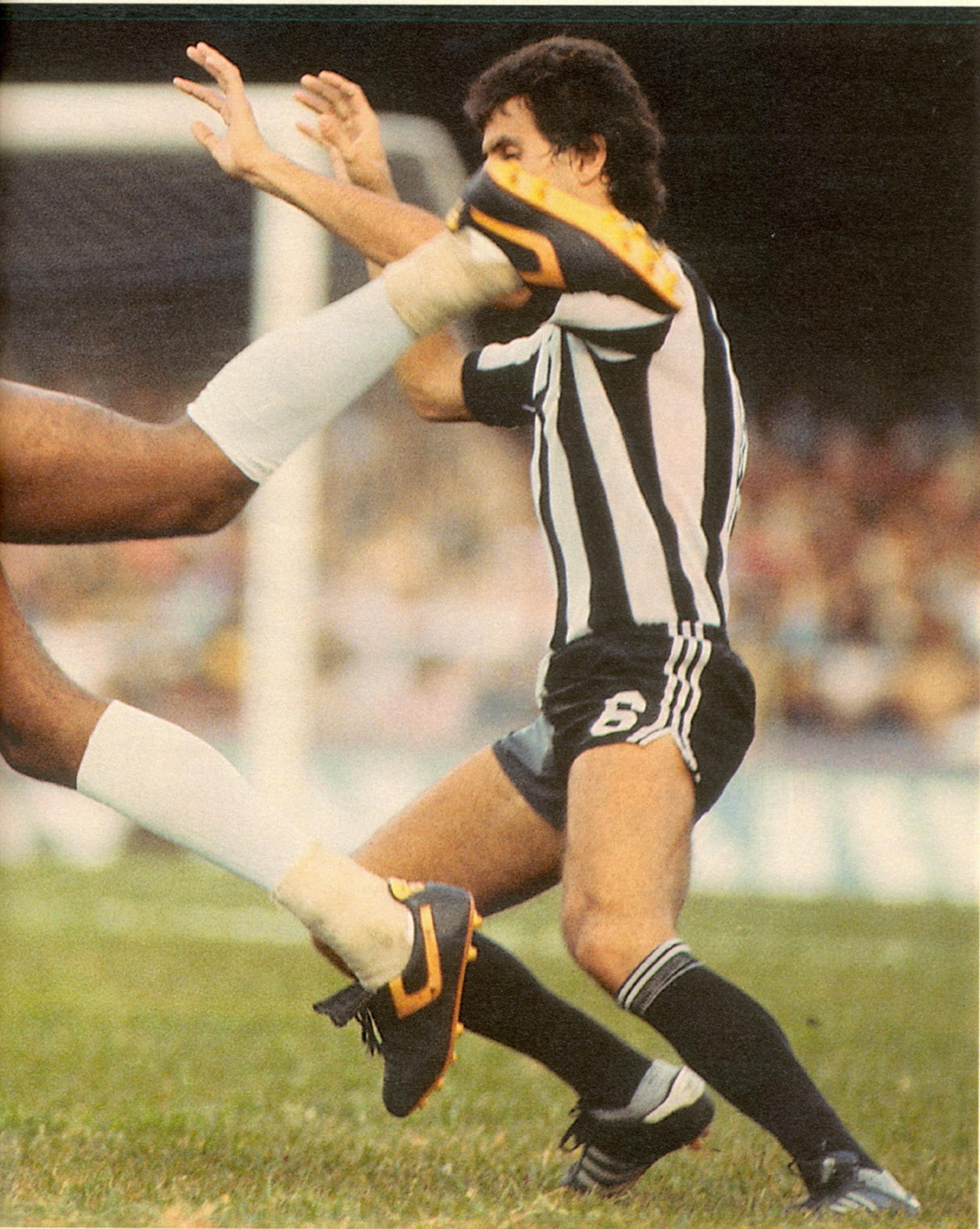


NICO ESTEVES



Imagens

Serginho jogava a bola na frente e esperava o contato com o marcador. Depois, bastava esticar as pernas e berrar. O cavador era tão bom quanto o artilheiro



São Paulo Bicampeão Paulista 80/81

O santista Nilton Batata tenta superar a grande zaga formada por Oscar e Dário Pereyra





Serginho e o lateral-esquerdo Airton: o atacante leva o time nas costas



O goleiro Carlos, da Ponte, e o beque Darío Pereyra saltam observados por Renato, Serginho



FOTOS: J.B. SCALCO

Tricolor depena o Galo

Em pleno Mineirão, o modesto time de Rubens Minelli conquista seu primeiro título nacional

O Atlético Mineiro tinha um time que jogava por música no Campeonato Brasileiro de 1977. Seu ataque havia marcado 55 gols, 28 deles de autoria do estupendo centroavante Reinaldo. Tudo bem, Reinaldo, suspenso, não estaria em campo naquela tarde chuvosa no Mineirão, mas nada tiraria o título do Galo, favoritíssimo contra o São Paulo. Nada mesmo? O astuto técnico tricolor, Rubens Minelli, não pensava dessa maneira. Por recomendação sua, o atacante Serginho, que cumpria suspensão de 14 meses por agredir um bandeirinha, viajou a Belo Horizonte, vestiu o uniforme e se exibiu diante das câmeras de TV como se estivesse escalado. “Minha idéia era dar um nó na cabeça dos jogadores do Atlético”, lembra Minelli.

A julgar pela apatia do adversário em campo, ele conseguiu. Serginho, é claro, não jogou, mas o São Paulo soube como cozinhar o Galo durante a partida. Para Minelli, a chave do sucesso do Atlético era o meio de campo composto por Cerezo, Marcelo e Ângelo. Ele ordenou que Darío Pereyra, Chicão e Teodoro grudassem em cada um deles. Com isso, a modesta equipe do São Paulo foi um exemplo de garra, jogou melhor e até criou mais chances para marcar. Porém, o lance mais lembrado da decisão não foi nenhum gol desperdiçado, mas sim a pisada forte que Chicão deu na perna de Ângelo, como um xerife querendo traçar os limites de seu território. O aviso de Chicão era claro: mesmo jogando fora de casa, o São Paulo não deixaria escapar aquele título. A decisão se estendeu para a prorrogação. Nos pênaltis, o golpe de misericórdia: Chicão e Getúlio desperdiçaram suas cobranças, mas Cerezo, Joãozinho Paulista e Márcio também erraram e pulverizaram o favoritismo do Atlético. Pela primeira vez, o tricolor era campeão brasileiro.



O tricolor comemorou: a inteligência tática tinha derrotado o talento



JOSÉ PINTO

São Paulo Campeão Brasileiro 77



Rosemiro e Leão contra Bezerra e Serginho: vitória palmeirense

MANOEL MOTTA



Contra o Operário, na semifinal: 3 x 0 salvador

JOSÉ EUGÊNIO

Minelli passa as dicas
a Darío Pereyra



OPERÁRIO



A campanha

PRIMEIRA FASE

Náutico 0 x São Paulo 1
 Botafogo-PB 0 x São Paulo 2
 CSA 0 x São Paulo 0
 XV Piracicaba 1 x São Paulo 1
 Palmeiras 2 x São Paulo 0
 São Paulo 1 x Santa Cruz 0
 São Paulo 3 x Treze-PB 0
 São Paulo 2 x Sport 0
 São Paulo 4 x CRB 0
 Corinthians 2 x São Paulo 0
 São Paulo 5 x Brasília 0
 Internacional-RS 1 x São Paulo 4
 América-RJ 0 x São Paulo 0
 São Paulo 4 x XV Piracicaba 2
 Ponte Preta 1 x São Paulo 3
 Botafogo-SP 1 x São Paulo 0
 São Paulo 4 x Sport 3
 São Paulo 3 x Grêmio 1

SEMIFINAIS

Operário-MS 1 x São Paulo 0
 São Paulo 3 x Operário-MS 0

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
21	13	4	4	40	15

TIME-BASE

Waldir Peres, Getúlio, Tecão (Estevam), Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro e Darío Pereyra (Neca); Viana, Serginho (Mirandinha) e Zé Sérgio. **TÉCNICO:** Rubens Minelli

O ÚLTIMO JOGO

Atlético-MG 0 x São Paulo 0

Data: 5/3/1978

Local: Mineirão (Belo Horizonte);

Juiz: Arnaldo César Coelho (RJ);

Renda: Cr\$ 6 857 080;

Público: 102 974;

Nos pênaltis: Atlético-MG 2 (Ziza e Alves) x São Paulo 3 (Peres, Antenor e Bezerra)

ATLÉTICO-MG: João Leite, Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Toninho Cerezo, Ângelo e Marcelo (Paulo Isidoro); Serginho, Caio (Joãozinho Paulista) e Ziza. **TÉCNICO:** Barbatana.

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Darío Pereyra; Viana, Mirandinha e Zé Sérgio.

TÉCNICO: Rubens Minelli.

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Serginho	18
Neca	7
Getúlio	4
Zé Sérgio	3
Teodoro e Mirandinha	2
Chicão, Bezerra, Zequinha e Müller	1

O HERÓI

O tapinha que deu certo

A artimanha do maroto Waldir Peres perturba os jogadores do Atlético e dá o título ao São Paulo

Se Minelli foi o estrategista de um São Paulo fora de campo, dentro dele, Waldir Peres se encarregou de desestabilizar o inimigo. Na disputa de pênaltis, o São Paulo vencia o Atlético por 3 x 2. O zagueiro do Galo, Márcio, tinha a responsabilidade de aproveitar a última cobrança de sua equipe para iniciar a série de pênaltis alternados. Enquanto Márcio ajeitava a bola, Waldir Peres aprontou uma das suas: chegou perto do zagueiro, deu um leve tapa no traseiro dele e sussurrou algo em seu ouvido. O que se viu depois foi um transtornado Márcio chutar a bola nas nuvens. “Eu só disse que sabia o canto em que ele ia bater”, disfarça o ex-goleiro. Na decisão do Paulista de 1975, contra a Portuguesa, ele agiu da mesma maneira com o atacante Tata, que desperdiçou sua cobrança. Waldir Peres era assim mesmo: irreverente, despachado e até caçador da própria desgraça. Quando falhava grosseiramente, em vez do recolhimento, ele sorria como se zombasse de si mesmo. Diziam que era auto-confiança por saber que, cedo ou tarde, ele se redimiria com mais uma defesa redentora.



OSÉ PINTO

FICHA TÉCNICA

Nome Waldir Peres Arruda

Nascimento Garça (SP), 2/1/1951

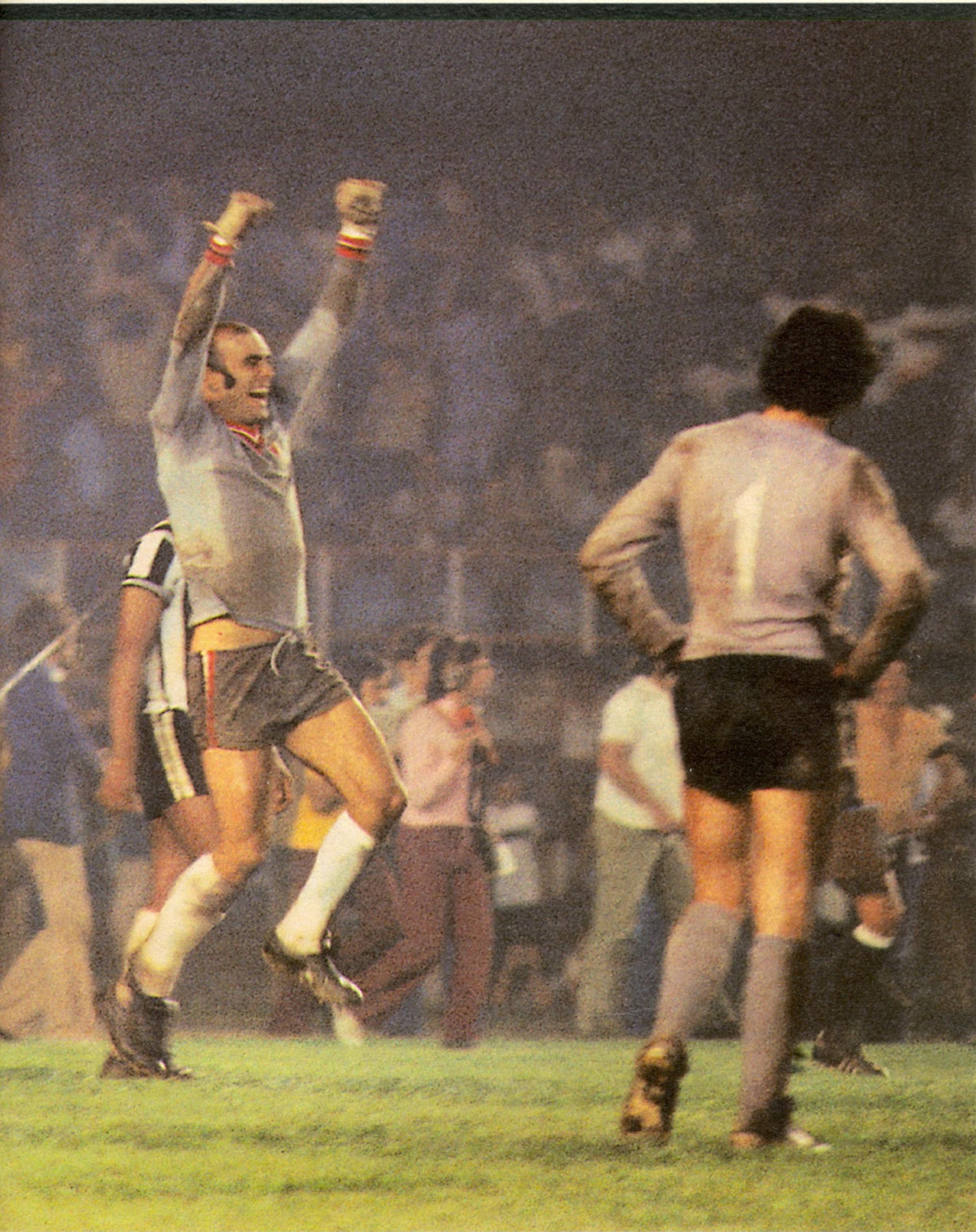
Período em que jogou 1973 a 1984

Títulos pelo São Paulo Campeão paulista (1975, 1980 e 1981) e campeão brasileiro (1977)

597 jogos **514** gols



Waldir Peres comemora a bola chutada nas nuvens pelo atleticano Márcio: malandragem também ganha jogo



São Paulo Campeão Brasileiro 77



Chicão e Neca: a
emoção do título
inesperado

JOSÉ PINTO

Imagens

Chicão observa o atleticano Ângelo como a fera que estuda a presa: o volante tricolor quebrou a perna do adversário, avisando que o tricolor não perderia aquele título por nada



RODOLPHO MACHADO

São Paulo 🇧🇷 *Campeão Brasileiro 77*





Zé Sérgio (à direita) e Serginho: o centroavante do São Paulo gostava mesmo de fugir dos padrões

O milagre da moeda

Nem Palmeiras, nem Corinthians. O tricolor vence o campeonato, acaba com a gozação dos rivais e se firma como a mais nova força do Estado

No começo dos anos 40, o São Paulo era tido como um time de médio porte, que não estava a altura de Corinthians e Palmeiras. Por isso, o clube virou motivo de piada. Sempre que se perguntava quem seria o campeão paulista, a resposta era uma analogia ao carou-coroa. Se desse cara, o título seria conquistado pelo Palmeiras. Em caso de coroa, a taça iria para o Corinthians. O São Paulo só ganharia se a moeda caísse de pé. Para deixar de ser figurante, o tricolor se reforçou. Em 1942, contratou junto ao Flamengo o atacante Leônidas da Silva, o maior jogador brasileiro da época. Naquele ano, mesmo com Leônidas, o tricolor terminou o Paulista atrás justamente de Palmeiras e Corinthians. E tome gozação.

A diretoria não desistiu de fazer a moeda cair de pé. Em 1943, chegou o argentino Antônio Sastre, ídolo do Independiente. O meia parecia a peça que



Os campeões (com Leônidas agachado no centro): empate heróico com o Palmeiras

faltava à engrenagem do São Paulo. Suas jogadas deram um toque de requinte ao ataque formado por Luizinho, Leônidas, Remo e Pardal, que se tornou avassalador ao marcar 63 gols em 20 jogos. A exemplo do ano anterior, a última partida do campeonato colocou frente a frente São Paulo e Palmeiras. Só que, desta vez, um empate bastava para o tri-

color ganhar o seu primeiro estadual (o campeonato de 1931 foi vencido pelo São Paulo da Floresta).

A vitória do Palmeiras obrigaria a disputa de um triangular envolvendo também o Corinthians, porque todos terminariam com 32 pontos. Logo aos seis minutos, um susto. Sastre machucou-se e teve que sair. Como naquele tempo não era permitido fazer

substituições, o São Paulo ficou com dez jogadores em campo. Mais uma vez, parecia que a moeda não cairia de pé. Aos poucos, contudo, o tricolor foi se ajeitando e Noronha, Zezé Procópio, Leônidas & cia conseguiram segurar um heróico 0 x 0. Nem cara, nem coroa. Naquele ano, quem dava as cartas — ou as moedas — no futebol paulista era o São Paulo.



Leônidas chega em São Paulo: a história começa a mudar

Pedra O HERÓI preciosa

Leônidas da Silva, o "Diamante Negro", e o símbolo das conquistas da década de 40

Para se tornar uma força do futebol paulista, o São Paulo buscou ajuda de um craque, artilheiro da Copa do Mundo de 1938 com oito gols, mas que andava meio em baixa no Flamengo: Leônidas da Silva.

Quando foi anunciada sua contratação, em 1942, corintianos e palmeirenses tripudiaram. Diziam que o São Paulo havia comprado um "bonde". Os detratores pagaram muito caro pela língua solta. Leônidas representou nada menos que a consolidação do tricolor como grande clube. Em sua primeira temporada, nada pôde fazer para evitar

o título do Palmeiras. Entretanto, a partir de 1943, ele foi o maior responsável pelos cinco Campeonatos Paulistas do São Paulo na década, incluindo os títulos de 1945, 1946, 1948 e 1949. As jogadas de Leônidas eram tão geniais e raras que é atribuída a ele a invenção da bicicleta. Quando se retirou dos campos, o "Diamante Negro", como era chamado, deixou saudades e a certeza de que os 200 contos investidos em seu passe — na época, maior transação do futebol sul-americano — acabou sendo uma verdadeira pechincha por uma pedra tão preciosa.

A campanha

PRIMEIRO TURNO

São Paulo 4 x Comercial 1
 São Paulo 1 x Ipiranga 2
 São Paulo 5 x São Paulo Railway 1
 São Paulo 4 x Jabaquara 3
 São Paulo 1 x Portuguesa 1
 São Paulo 1 x Corinthians 2
 São Paulo 1 x Juventus 1
 São Paulo 6 x Santos 1
 São Paulo 8 x Portuguesa Santista 1
 São Paulo 2 x Palmeiras 1

SEGUNDO TURNO

São Paulo 2 x São Paulo Railway 1
 São Paulo 2 x Comercial 1
 São Paulo 3 x Jabaquara 2
 São Paulo 2 x Ipiranga 1
 São Paulo 3 x Portuguesa 0
 São Paulo 9 x Portuguesa Santista 0
 São Paulo 3 x Juventus 2
 São Paulo 2 x Corinthians 0
 São Paulo 4 x Santos 1

CAMPANHA

J	V	E	D	GP	GC
20	15	3	2	63	22

TIME-BASE

King, Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. **TÉCNICO:** Joreca

O ÚLTIMO JOGO

São Paulo 0 x Palmeiras 0

Data: 3/10/1943;
Local: Pacaembu (São Paulo);
Juiz: Carlos de Oliveira Monteiro;
Renda: Cr\$ 552 577;
Público: 42 143

SÃO PAULO: King, Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. **TÉCNICO:** Joreca
PALMEIRAS: Oberdã, Junqueira e Osvaldo; Brandão, Og e Dacunto; Caxambu, Gonzales, Cabeção, Villadoniga e Canhotinho.
TÉCNICO: Del Debbio

ARTILHEIROS DO SÃO PAULO

Leônidas	15
Sastre	13
Oliveira	12
Remo	9
Teixeirinha e Carmo	4
Mancilla	3
Noronha	2
Bazzoni	1



FICHA TÉCNICA

Nome Leônidas da Silva
Nascimento Rio de Janeiro (RJ), 6/9/1913
Período em que jogou 1942 a 1951
Títulos pelo São Paulo Campeão paulista (1943, 1945, 1946, 1948 e 1949)

211 jogos **140** gols

Tuas glórias vêm do passado

De geração em geração, o tricolor transformou-se num incansável bicho-papão de campeonatos. Confira algumas dessas inesquecíveis vitórias

Paulista 1957

Tributo ao mestre Ziza

Campeonatos com fórmulas mirabolantes não foram inventados pelos cartolas de hoje. Em 1957, houve um torneio de classificação disputado por 20 equipes, em turno único. Só a partir disso os dez primeiros começaram a disputar o Campeonato Paulista no sistema de pontos corridos em dois turnos. O Corinthians acabou em primeiro na fase de classificação, mas quem levou a taça foi o São Paulo. O tricolor fez a última partida justamente contra o Corinthians. Em caso de empate, os dois disputariam um supercampeonato com a presença do Santos. Mas, comandado pelo experiente Zizinho, o mestre Ziza, o São Paulo não permitiu



Zizinho deixa o palmeirense Valdemar Fiúme para trás: campeão por antecipação

que isso acontecesse. O clássico foi tenso. No segundo tempo, ao marcar um gol em posição duvidosa, Maurinho provocou o goleiro Gilmar e causou uma confusão danada. A briga não empanou o título do São Paulo, que venceu por 3 x 1 e, numa só tacada, enterrou as esperanças de corinthianos e santistas.

CAMPANHA 1957

J	V	E	D	GP	GC
18	13	4	1	53	24

TIME-BASE

Poy, De Sordi e Mauro; Dino Sani (Sará), Vítor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro.
TÉCNICO: Bela Gutman
ARTILHEIRO DO SÃO PAULO
Gino, 14 gols

Paulista 1970•1971

A retomada dos títulos

Depois de passar os anos 60 em branco, mais preocupado com a construção do estádio do Morumbi, o São Paulo contratou, em 1970, dois craques para retomar o caminho das vitórias: o tricampeão mundial Gérson, do Botafogo, e Toninho Guerreiro, do Santos. À frente de um time com bons jogadores, como Sérgio, Forlan, Roberto Dias, Gilberto, Terto e Paraná, as duas estrelas conduziram o São Paulo ao título de campeão paulista pondo fim ao jejum de doze anos. O bicampeonato, em 1971, teve um sabor ainda melhor, porque foi conquistado em cima do rival Palmeiras. Com Pedro Rocha no time, o São Paulo disputou a última partida do campeonato



Gérson e seus seguidores: um tricampeão mundial para quebrar o tabu

FOTOS MANOEL MOTTA

precisando do empate. Apesar da vitória tricolor por 1 x 0, gol de Toninho Guerreiro, aquela final ficou marcada pelo gol de cabeça de Leivinha, anulado por Armando Marques que alegou toque de mão do atacante palmeirense. Indiferentes às reclamações, os são-

Paulinos só queriam saber de festa. Gerson encerrara seu ciclo no clube com o bi e Toninho era o único jogador da história do futebol paulista a ostentar um pentacampeonato. Ele fazia parte do esquadrão do Santos que ganhou os títulos de 1967/1968/1969.

CAMPANHA 1970

J	V	E	D	GP	GC
18	12	3	3	29	15

TIME-BASE

Sérgio, Forlan, Jurandir, Roberto Dias e Gilberto; Édson e Gérson; Paulo, Terto, Toninho Guerreiro e Paraná.

TÉCNICO: Zezé Moreira.

ARTILHEIRO DO SÃO PAULO

Toninho Guerreiro, 13 gols

CAMPANHA 1971

J	V	E	D	GP	GC
22	17	2	3	39	17

TIME-BASE

Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson, Gérson e Pedro Rocha; Terto, Toninho Guerreiro e Paraná.

TÉCNICO: Oswaldo Brandão.

ARTILHEIRO DO SÃO PAULO

Toninho Guerreiro, 15 gols



O timaço de Pedro Rocha, Toninho e Gérson (no centro, agachados): bi sobre o Palmeiras



SEBASTIÃO MARINHO

O uruguaio Pedro Rocha: na disputa com Enéas, da Portuguesa, o gringo levou a melhor

Paulista 1975

A festa é de Rocha

De um lado, Pedro Rocha. Do outro, Enéas. São Paulo e Portuguesa tinham os dois craques que desequilibraram o Campeonato Paulista de 1975. As duas equipes eram muito superiores às demais e não por acaso chegaram à final. O São Paulo conquistou o

primeiro turno e a Portuguesa faturou o segundo. Mas, justiça seja feita, a campanha tricolor foi ainda mais brilhante. Em 35 partidas, perdeu apenas duas, contra seis da Lusa. Os jogos decisivos premiaram as duas principais atrações do campeonato. No primeiro, vitória tricolor de 1 x 0,

gol de Rocha. No segundo, o revide da Portuguesa: 1 x 0, gol de Enéas. Depois do 0 x 0 na prorrogação, brilhou a estrela de Waldir Peres na disputa de pênaltis e o tricolor venceu por 3 x 0. Os dois craques fizeram história em 1975, mas coube a Pedro Rocha a honra de vestir a faixa de campeão.

CAMPANHA 1975

J	V	E	D	GP	GC
35	26	7	2	60	16

TIME-BASE

Waldir Peres, Néelson, Paranhos, Samuel e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha e Murici; Terto, Serginho e Zé Carlos (Silva).

TÉCNICO: José Poy

ARTILHEIRO DO SÃO PAULO

Serginho, 22 gols

Paulista 1985

O show dos menudos

No Campeonato Paulista de 1985, o São Paulo contava com a experiência de Oscar, Dario Pereyra e Falcão. Mas quem ditou o ritmo da equipe do maestro Cilinho foi uma turma de garotos formada por Silas, Müller e Sidney. Apelidados de Menudos, referência a uma banda de adolescentes latinos que fazia sucesso no Brasil, os três — e mais o genial Careca — infernizavam os zagueiros adversários com dribles, muitos gols e um

toque de bola endiabrado. A final foi disputada com a Portuguesa, que precisava de dois empates por ter feito melhor campanha ao longo dos dois turnos. Mas os Menudos não se reprimiram e colocaram a Lusa, do veterano Luís Pereira, na roda ao vencer por 3 x 1. No segundo encontro, outra vitória são-paulina (2 x 1) mostrou que não havia adversários à altura daquele afinado time de moleques atrevidos.



Müller, Silas e a Bíblia: toque de bola endiabrado

SÉRGIO BREZOVSKY

CAMPANHA 1985

J	V	E	D	GP	GC
42	23	12	7	72	29

TIME-BASE

Gilmar, Zé Teodoro, Oscar, Darío Pereyra e Nelsinho; Márcio Araújo (Falcão), Pita e Silas; Müller, Careca e Sidney.

TÉCNICO: Cilinho

ARTILHEIRO DO SÃO PAULO

Careca, 23 gols



Fonseca, Nilton, Nelsinho, o goleiro Abelha, Sidney e Pita: titulares e reservas em uma só festa

SÉRGIO BREZOVSKY

Brasileiro 1991

Outra vez fora de casa

A primeira conquista de Telê Santana no São Paulo foi o de campeão brasileiro de 1991, que serviu também para apagar a injustificada fama de pé-frio do treinador. De quebra, comprovou que o tricolor não tem o menor respeito pelos anfitriões quando o assunto é Campeonato Brasileiro. Afinal, pela terceira vez, ganhou o

título fora de casa. A vítima, dessa vez, foi o Bragantino, o então campeão paulista que precisava de dois empates para levar a taça. Foi um sufoco. Na primeira partida, no Morumbi, o São Paulo arrancou um suado 1 x 0, gol de Mário Tilico. No segundo duelo, no acanhado estádio de Bragança Paulista, o time comandado por

Carlos Alberto Parreira pressionou o tempo todo, mas não passou de um 0 x 0, resultado que assegurou o terceiro título brasileiro do São Paulo. Esse triunfo mudou para sempre a história do clube, porque foi o passaporte para o São Paulo se consagrar na Taça Libertadores da América e no Mundial Interclubes do ano seguinte.

CAMPANHA 1991

J	V	E	D	GP	GC
23	12	7	4	28	15

TIME-BASE

Zetti, Cafu (Zé Teodoro), Antonio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldo, Bernardo e Raí; Müller, Macedo e Elivélton.

TÉCNICO: Telê Santana

ARTILHEIRO DO SÃO PAULO

Raí, 7 gols



RICARDO CORRÊA

Ronaldão, a taça e Raí: de bragança Paulista ao mundial de Tóquio



Denilson, um desconhecido e arisco atacante: suas grandes atuações valeram uma chance no time de cima

Conmebol 1994

O expressinho da Vitória

Embora o clube não tenha dado muita importância à Copa Conmebol, um punhado de garotos levou a competição a sério. Era o vestibular que poderia garantir uma chance no time principal. A equipe era uma mescla de jovens promessas, como Rogério Ceni, Pereira, Caio e Denilson, com jogadores que já atuavam como titulares no elenco profissional, como

Ronaldo Luís e Juninho. A campanha não foi brilhante, mas eficiente o bastante para levar o expressinho tricolor ao título e consagrar um craque: Denilson. O São Paulo despachou o Grêmio nos pênaltis, o Sporting Cristal-PER, e — que atrevimento — o Corinthians, também nos pênaltis. O maior desafio dos meninos do Morumbi aconteceu na decisão contra o

respeitável Peñarol-URU. Sem a menor cerimônia, o São Paulo venceu por 6 x 1, a goleada mais estrondosa sofrida pelo clube uruguaio desde 1891. No jogo de volta, em Montevideu, o Peñarol abriu 3 x 0. Mas não adiantou: o jovem time dirigido por Muricy Ramalho segurou o resultado e foi aprovado com louvor nessa prova de fogo.

CAMPANHA 1994

J	V	E	D	GP	GC
8	3	3	2	15	11

TIME-BASE

Rogério, Pavão, Néelson, Bordon e Ronaldo Luís; Vítor, Mona e Pereira; Juninho (Murilo), Caio e Denilson (Danilo).

TÉCNICO: Muricy Ramalho ARTILHEIRO DO SÃO PAULO

Juninho, 5 gols



Telê Santana
e as taças: cara
de poucos amigos

O mestre

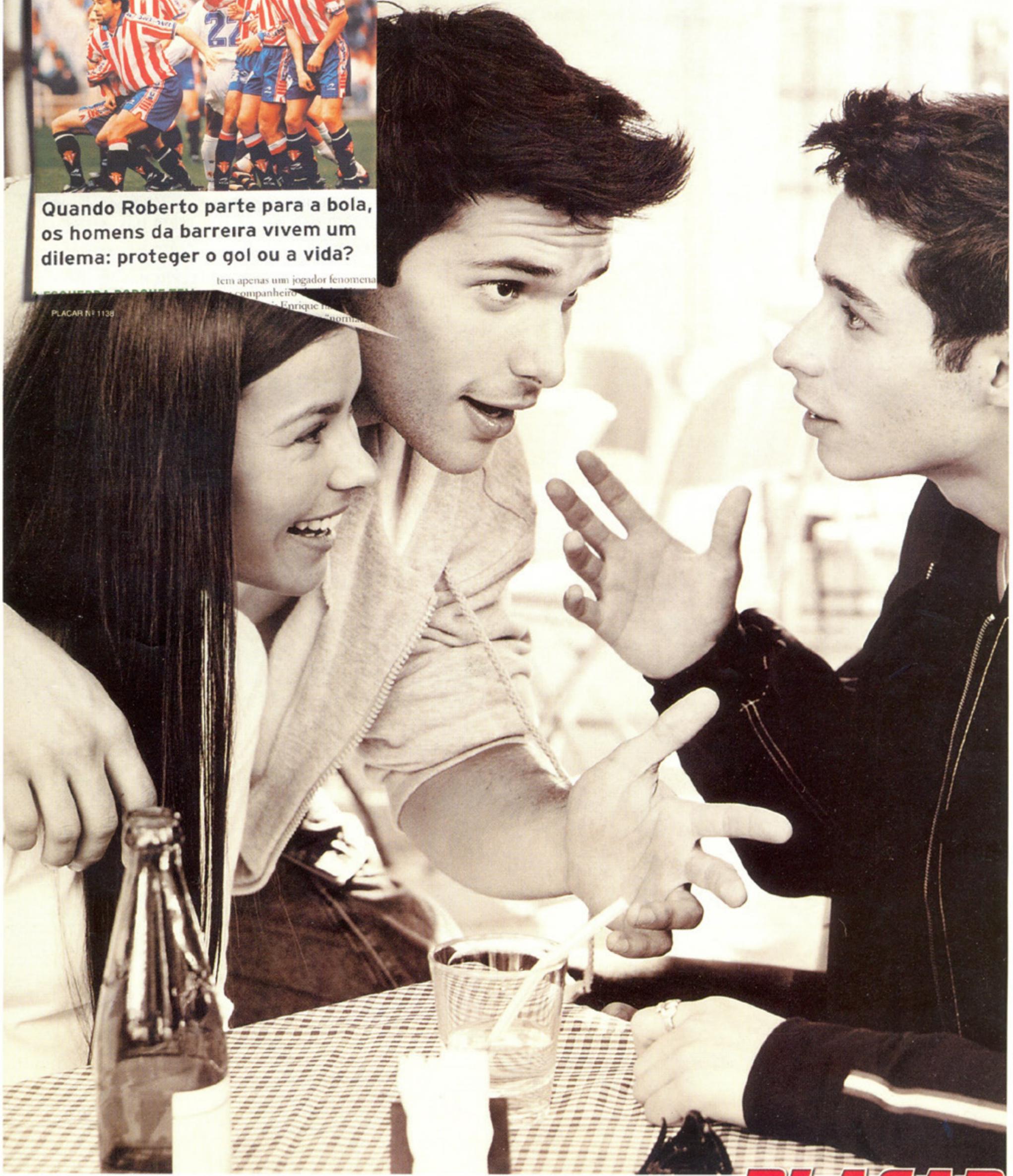
Tóquio, vestiário do Estádio Nacional, 13 de dezembro de 1992. O técnico Telê Santana, parece estar com cara de poucos amigos para quem acabou de conquistar o título mais importante de sua carreira e do clube que dirige. A fisionomia fechada é pura tensão. Telê acabara de destronar o grande Barcelona, sepultar de vez a injusta fama do pé-frio que montou a inacreditável Seleção de 1982 e não ganhou a Copa da Espanha. Com a Taça Toyota (do patrocinador) na mão direita e a Taça Intercontinental (oferecida pela Fifa) na esquerda, Telê percebeu que os troféus eram efetivamente seus. Tanto que, na viagem de volta para São Paulo, o técnico anexaria os dois à sua bagagem pessoal.



Quando Roberto parte para a bola, os homens da barreira vivem um dilema: proteger o gol ou a vida?

Tem apenas um jogador fenomenal
companheiro
Enrique
norma

PLACAR Nº 1138



Quem ama futebol não vive sem **PLACAR**. **PLACAR**



Valeu Rai!

A torcida são-paulina não se cansa de agradecer todo o talento – e o pé-quente – daquele que conquistou todos os títulos possíveis

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ